

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Maria dos Anjos Marques Fontinha

registada em 2008-09-25
por

Maria dos Anjos Marques Fontinha

Maria dos Anjos Marques Fontinha

Maria dos Anjos Marques Fontinha nasceu a 13 de Fevereiro de 1945, no Torno. O pai chamava-se António Marques e a mãe Maria dos Anjos. A mãe era doméstica, trabalhava no campo, por fim, “ainda trabalhou numa cerâmica em Lisboa, onde faziam louças antigas, azulejos e coisas assim”. O pai trabalhava em Lisboa, “era vendedor de materiais de construção”. Tiveram dois filhos. Aos 7 ou 8 anos, entrou na escola, ia a pé do Torno para o Piódão. Mas Maria dos Anjos não gostava e só fez a quarta classe. Deixou a escola e ficou a ajudar a mãe nas tarefas de casa. Quando tinha 13 anos, foi para Lisboa. Trabalhou no Museu Nacional de Arte Antiga, com uns 15 ou 16, “estava nas salas a guardar, a vigiar os visitantes” e era estafeta. Antes de ir para Lisboa, já conhecia o marido da aldeia, desde miúda, mas foi lá que namoraram e casaram. O casamento foi em Lisboa, em 1964. “Foi um casamento bonito.” Depois de casada já não foi trabalhar, ficou a cuidar do filho. Ficaram a viver em Lisboa, num quarto, com outras pessoas. O filho nasceu cinco anos depois. Quando o marido se reformou, vieram “logo de armas e bagagens” para Foz d’Égua.

Índice

Identificação Maria dos Anjos Marques Fontinha.....	4
Ascendência António Marques e Maria dos Anjos.....	4
Infância Uma infância saudável.....	11
Casa "Uma cozinha, três quartos e uma sala".....	14
Educação "Só fiz a quarta classe".....	15
Religião "Tinha os meus vestidinhos de levar à missa".....	16
Percurso profissional "Trabalhei no Museu Nacional de Arte Antiga".....	17
Namoro "Conhecia-o aqui de miúda".....	17
Casamento "Fiz uma noiva bonita".....	18
Costumes "Éramos felizes".....	19
Lugar "Bem diferente".....	24
Quotidiano "Os meus netos fazem-me viver".....	28
Avaliação "A nossa terra seja divulgada".....	28

Identificação *Maria dos Anjos Marques Fontinha*

O meu nome é Maria dos Anjos Marques Fontinha. Nasci a 13 de Fevereiro de 1945 no Torno.



Maria dos Anjos Fontinha (Torno, 1948)

Ascendência *António Marques e Maria dos Anjos*

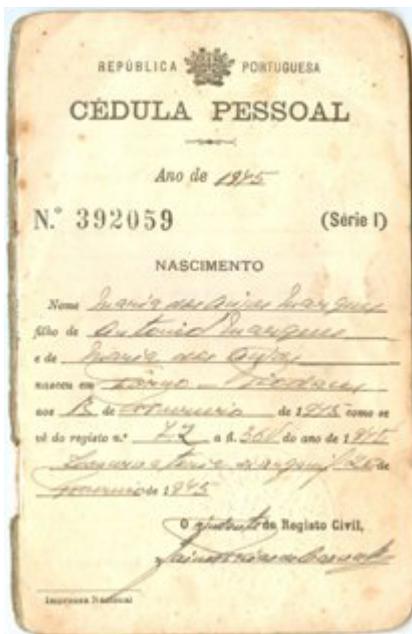
O meu pai chamava-se António Marques. A minha mãe era Maria dos Anjos. Eu pertença a três famílias: aos Marques, aos Anjos e aos Fontinhas, da parte do meu marido. O meu pai era dos Chãs d'Égua e a minha mãe era do Torno. Acho que se conheceram num baile. Isto cá é um meio pequeno. Aos domingos, juntavam-se os rapazes e as raparigas. Foi aí que se conheceram. O meu pai casou com a minha mãe e o irmão dele com a irmã dela. Os dois irmãos casaram com duas irmãs. Eu e os meus primos somos primos-irmãos e tratamo-

nos assim. Eles, para mim, são irmãos e eu, para eles, também. Agora, não tenho irmãos, mas tive um. Já faleceu há muitos anos, ainda muito jovem. A mãe deles, a minha tia, já faleceu. O meu paizinho, também. O pai deles é vivo e a minha mãe ainda é viva também.



**Maria dos Anjos (à esquerda) e António Marques
(à direita), pais de Maria dos Anjos Fontinha**

O ambiente lá em casa era muito bom. Tanto do meu pai, como da minha mãe, como eu com o meu irmão e o meu irmão comigo. Eu tenho muitas saudades dele. Apercebia-se do meu pensamento e eu apercebia-me do dele. Sem falarmos!



Cédula Pessoal de Maria dos Anjos Fontinha

Memória de um irmão

Morreu no 25 de Abril. Já vai há alguns aninhos. Recordo como se ele morresse há meia dúzia de meses. Há irmãos e irmãs. Nós tínhamos uma ligação... Não tenho palavras para poder explicar o que a gente sentia um pelo outro.

Quando eu comecei a namorar o meu marido, o meu irmão não gostava dele. Eu pensava para mim e para Deus:

- Ai! Eu vou despachar o homem! Não o quero cá para marido! Então, se ele não se dá com o meu irmão, também não se dá comigo!

Mas depois eles tinham uma relação tão boa, tão boa que, ao fim, eram como irmãos.

Quando me casei, ele ia à minha casa. Sentava-se em cima da mesa da cozinha - usavam-se umas mesinhas encostadas -, abria o frigorífico e punha-se a falar para mim:

- "Ó manita, olha que eu quero comer."

Eu dizia-lhe assim:

- Mas o que é que tu queres? Olha, vê!

Olhava, mas não comia. Nunca queria comer nada. Era só para ver se eu tinha.

- Ó manito, mas tu não comes porquê?

- "E tu achavas que vinha aqui para comer? Não tenho fome! Vinha ver se te faltava alguma coisa."

E eu dizia-lhe que não.

Depois, também casou. Tinha uma menina, que ainda tem. Na altura que ele morreu, tinha só 14 meses. Criou-se. A minha cunhada fazia o que podia, tudo e mais alguma coisa, pela menina. Hoje é uma senhora. Já tem dois filhos. A menina, 11 anos e o menino, 7. Tudo se passa. Deus não quis... Pronto, foi assim. Ele morreu muito cedo. Não é fácil. Se os desgostos de vida matassem, eu já tinha morrido. E ainda cá estou! É assim. É a vida, é verdade...

"Eu com a minha mãe tinha uma relação muito boa"



Maria dos Anjos (3.ª da esq.), mãe de Maria dos Anjos Fontinha (1930)

A minha mãe era doméstica. Era no campo que trabalhava. Por fim, ainda trabalhou numa cerâmica em Lisboa, onde faziam louças antigas, azulejos e coisas assim. O meu pai trabalhava em Lisboa. Era vendedor de materiais de construção. Dantes era assim: o chefe de família ia trabalhar para Lisboa e a mãe ficava na terra a criar os filhos. Foi o meu caso. Onde havia muitas pessoas

a trabalhar, na altura, era na Lisnave. Trabalhava um e essa pessoa fazia com que os outros fossem para lá. Um puxava os outros. As pessoas aqui da terra estavam mais estabelecidas. Tinham café. Na altura, chamava-se uma leitaria, não era café.



Maria dos Anjos (2.^a da esq.), mãe de Maria dos Anjos Fontinha.

Depois o meu pai achava que aquilo não era vida. Ele lá e nós cá. Quando eu já era crescida - tinha 13 anos - fomos para Lisboa. Eu e o meu irmão. Ele tinha menos dois anos que eu, teria 11. Vivíamos lá todos. Acho que me adaptei bem. Aliás, seja a que situação for, eu tento-me adaptar o melhor possível. Costuma-se dizer que onde nós estamos e governamos a nossa vida, aí é a nossa terra. Por isso, não tive dificuldade em me adaptar.

Quando o meu pai morreu, já há 14 anos, a minha mãe quis vir para cá. Não queria estar lá. Estava habituada, porque viveu em Lisboa muitos anos, mas não gostava de rua. Quem fazia as compras e certas coisas até era o meu pai. Eu não quis estar a contrariá-la. A nossa casa é num terceiro andar sem elevador. Para subir e para descer, não era fácil. Como não vinha à rua, ficava só dentro de casa. Não era bom para ela ficar na gaiola. Nós vínhamos todos os anos, mais que uma vez. Sempre que podia, para ela não ficar sozinha. Viveu sozinha ainda muitos anos. Eu também não podia vir. Não podia deixar o marido e vir para cá.



António Marques, pai de Maria dos Anjos Fontinha (1940)

Depois que o meu marido se reformou, viemos. A minha mãe já era mais velhinha. Tê-la cá sozinha e nós lá não era fácil. Coitadinha, era uma angústia para ela e para nós. Ainda viveu sozinha, uns aninhos, enquanto podia, que ela era muito independente. Queria viver a vida dela. Eu dizia-lhe:

- Olha mãe, pedimos às moças do Centro para que lhe tragam a comida...

Para não estar aqui com a preocupação de a fazer, mas ela dizia:

- "Olha filha, não. Enquanto eu puder, eu faço a minha comida. Quando não a puder fazer, também já não a posso comer."

Há três anitos, quando já estava pior e morreu o vizinho que vivia ao pé dela, coitadinha, já não ficou lá mais. Veio para aqui viver connosco. Minha querida mãe, sempre esteve aqui. Adaptou-se muito bem à minha casa. Só me dizia assim nos princípios:

- "Ai filha, não sei para que é tanto luxo..."



Maria dos Anjos Fontinha (à direita) com a sua mãe Maria dos Anjos (2.ª da esq.) e os netos Maria Leonor (à esquerda) e Duarte (3.º da esq.), Foz d'Égua, 2007

- Oh mãe, mas que luxo?

Ela chamava luxo ao microondas e a uma cafeteira do café. A minha mãe fazia o café no lume, numa cafeteira de alumínio. Punha aquele café de mexer em cima do fogão. Era muito bom. Ainda hoje me lembro daquele café. O que ela cá via de diferente da casa dela, achava que era um luxo:

- Oh mãe, não, não é luxo. Agora é assim. Então, não vê que nós lá em Lisboa também temos?

- "Pois é, filha, mas isso já não são coisas para mim..."

Ela, coitadinha, trabalhou sempre. Mesmo velhinha, já com os seus 90 anos, trabalhava cá em casa. Gostava de lavar a louça. Quando era só os pratinhos, eu deixava, para ela se sentir útil. Gostava muito de preparar as saladas e a hortalíça. Nem deixava que fosse eu a preparar! Dizia-me assim:

- "Oh! Tu fazes tudo à pressa!"

- Ó mãe, mas eu também faço bem!

Só deixou de trabalhar quando lhe deu aquilo há quatro meses. Deu-lhe um AVC. Foi quando a minha mãezinha parou. Antes, andava sempre a varrer ali o terraço e as escadas, a regar as flores... Agora, as flores conhecem bem a falta dela. Cortava as couves para as galinhas. Cá usa-se assim: corta-se como o caldo verde, mas não tão fininho. Ela cortava aquilo ali com todo o preceito. Ainda no dia que ficou doente, disse-me:

- "Olha lá, já foste migar as couves às galinhas?"

- Oh mãe, hei-de ir! Tenha calma! Se não as comerem cortadas, comem-nas inteiras!

- "Olha, vê se vais lá depressa!"

Tinha este jeito de me mandar, porque achava que ainda tinha poder sobre mim. Eu aceitava tudo. É por isso que também me custa muito. Há mães que não têm assim uma relação muito boa com as filhas ou com os filhos, mas eu com a minha mãe tinha uma relação muito boa. E com o meu pai também. Mas tudo o que é bom acaba...

Infância *Uma infância saudável*



Família de Maria dos Anjos Fontinha em Lisboa (década de 50): avó materna (1.^a da esq.), mãe (4.^a da esq.) e pai (5.^a da esq.)

A minha infância foi saudável. Eu ajudava em casa. O meu irmão também. A minha mãe não me deixava ir com ela para o campo trabalhar. Eu gostava muito de ir, mas ela não me deixava. Tinha que fazer a lida da casa, que era o que eu não gostava. Ficava em casa a fazer o almoço, a arrumar a casa, a fazer o que era preciso e o que podia. Aprendi a cozer pão, que era a broa. Era eu muito miúda, mas já sabia. Queijos, também fazia. Era a tarefa da casa, as lidas da casa.

Tínhamos galinhas, cabras, ovelhas, um cão e um gato. Do cão, não me lembro do nome, mas ainda sei o do gato: chamava-se Arrentela. O cão também devia ter nome, mas eu não me lembro. Os animais iam pastar sozinhos. A gente punha-as para o monte e elas iam. A maior parte do tempo, estavam lá no curral, como se chama cá. Davam-lhe ali comida e ficavam fechadas. Quando iam para o monte, iam sozinhas. Depois, voltavam. Não era preciso andar a guardá-las.

"Eu era mazita para o meu irmão"

Nós andávamos na escola. Eu era muito mazita para o meu irmão, meu querido irmão. Na altura, não tínhamos comida na escola. Levávamos o lanche de casa - o lanche que era o almoço - e comíamos lá. Íamos de manhã, entrávamos às nove e só saíamos às cinco ou às seis horas. Tínhamos escola de manhã e de tarde. Tínhamos que levar a comida. A minha mãe arranjava num cestinho ou numa bolsita - já não sei o que era - mas ele não queria levá-la e eu também não. Que é que ela fazia? Arranjava comida separada para mim e para ele, mas igual. O que mandava para mim, mandava para ele. Mas eu era mazinha! Pensava que o dele era melhor. Então, pelo caminho, trocava sem ele ver. Trocava-lhe aquilo! Era mesmo mazita. Hoje, lembro-me e digo assim:

- Ó meu Deus, porque é que eu era assim?

Eu hoje não sou assim. Quando estamos à mesa ou onde estivermos, eu posso ter muita vontade de uma coisa mas, se as pessoas que estiverem à minha beira estiverem satisfeitas e eu não tenha comido nada, fico satisfeita igual. Na altura, também não sabia o que fazia. Era criança, sei lá, não sabia. Achava sempre que o dele era melhor. E não era, era igual.

No Natal, a minha mãe comprava um brinquedo para mim e um brinquedo para ele. O dele, adequado a ele e o meu, adequado a mim. Durante a noite, não dormia. Levantava-me, vinha lá à cozinha, à chaminé, e trocava. Punha o brinquedo dele no meu sapato e o meu brinquedo no dele. Quando aquilo era diferente. A minha mãe sabia e depois ria-se. Eu já era bem crescida quando me apercebi que não era o Menino Jesus que dava, que era mesmo a minha mãe que trazia. Por isso, não me admira agora as crianças. Muitas delas já sabem que não é assim. Eu vivi isso até já ser bem crescida.



**Maria dos Anjos Fontinha (a mais alta, à esquerda),
juntamente com a avó paterna (de negro) e irmão
(ao lado da avó), Chãs d'Égua, década de 50**

Jogávamos às pedrinhas. Ajuntávamos umas quantas e jogávamos. Saltávamos à corda, brincávamos às casinhas. Fazíamos no chão uns murozinhos de pedra e lá dentro era a casinha. Eram as brincadeiras que havia. Não havia brinquedos, como há agora. Nem jogos. Não jogávamos ao dominó, nem a essas coisas, que não havia. Mas eu posso-me considerar, na altura, uma criança bastante privilegiada. Eram poucas as crianças cá que tinham brinquedos e eu sempre tive. Tinha muitos carinhos da minha avó, do meu avô, do meu tio. Tinha um tio que, coitadinho, não era deficiente, mas tinha problemas. Ele tinha um carinho especial por mim. Ninguém podia falar para mim. A minha avó também era assim. Achavam que as pessoas me comiam só de falarem para mim.

"Fala à vontade!"

Quando ia para a escola, encontrava muita gente pelo caminho. Vinham trabalhar para o campo. Eu ainda ia longe e já estava a cumprimentar as pessoas e a dizer os bons-dias ou as boas-tardes. As pessoas, às vezes, faziam conversas connosco. Gostavam, porque eu fui sempre muito comunicativa. Falava para todo o mundo. Às vezes, o meu irmão dizia-me assim:

- "Ó manita, cala-te! Calate!"

- Então, porquê? Não posso falar?"

- "Fala à vontade!" - ele já muito chateado comigo - "Fala à vontade!"

Era a maneira de ser das pessoas. Como eles me oprimiram tanto e como é que saí assim para falar... A nossa maneira de ser também é como nós somos criados. Quem não recebe amor, também não o tem para dar. Quem recebe, tem para dar. Mas isto, acho que já é da pessoa. Sei lá, não sei.

Casa "*Uma cozinha, três quartos e uma sala*"

A minha casa no Torno ainda está lá. Tem uma cozinha, três quartos - um era meu, outro do meu irmão e outro dos meus pais - e uma sala. Na altura, não tínhamos casa de banho. Só depois a minha mãe mandou fazer uma. Tínhamos a lareira. Não tínhamos televisão, como agora. Na altura, quando eu era miúda, não havia. À noite, os nossos serões era estar ali um bocadinho a conversar. De caminho, íamos para a cama e era assim.

À volta, tinha terrenos, onde a minha mãe trabalhava, não só à beira da casa, como um bocadito mais distante. Agora está lá tudo abandonado. Há lá um terrenozinho mesmo junto à casa. A minha mãezinha todos os anos dizia assim:

- "Ah! Este ano é o último que eu amanho aqui este terreno."

Mas semeava sempre batatas, feijão, alfaces, cebolas, pimentos... Só naquele terrenozinho à beira da casa. Dizia sempre que era o último ano. Só mesmo no ano passado ela já não semeou. Para que ela não ficasse triste, eu pedi ao meu marido para ir lá semear:

- Olha marido, vai lá...

A minha mãe, coitadinha, ainda ia lá e eu gostava que ela não visse aquilo abandonado. Então, ele ainda semeou, poucas coisas, mas semeou. Este ano, não. Já não semeámos nada, porque ela já lá não ia. Já não lhe dizia nada.

Educação "*Só fiz a quarta classe*"

Quando entrei para a escola, tinha 7 ou 8 anos, possivelmente. Se nasci em 1945, seria 1952. Naquela altura, não se entrava antes dos 7. Como eu faço anos em Fevereiro, se calhar já não deu para entrar esse ano. Não me lembro se entrei com 7, se foi já com 8 anos.

Eu ia para a escola a pé do Torno para o Piódão. Era longe. Agora, já nem lá há escola, que o fogo queimou aquilo e nunca mais arranjaram. As pessoas ainda iam longe. A caminhada, logo de manhã, ajudava-nos e tudo era bom. Era assim.

Na escola, ensinavam-nos o Português, que a gente chamava o Ditado. Era para não darmos erros. Para fazer as letras bem feitas, era naqueles caderninhos de duas linhas. Era a caligrafia. Eu gostava muito de fazer isso. Escrevia bem. Agora, escrevo mal, porque não uso tanto assim. Na altura, escrevia bem, porque nos obrigavam a ter uma caligrafia bonita. A matéria que mais gostava era da Redacção. Gostava muito, porque a gente respondia o que queria. Também gostava de ler. Depois, a Matemática era as Contas, os Problemas. Não sei se ainda hoje é esse o nome que se dá. Eram problemas à base de Matemática. E era Desenho, que eu gostava muito de fazer. De Matemática é que não gostava nada. Eram as minhas amigas que me faziam a conta ou os problemas. Depois davam-me sem ninguém se aperceber. Hoje, os alunos também fazem assim, mas no meu tempo também já se fazia. A professora chamava-nos ao quadro. Eu gostava muito de ir ao quadro. Se ela me chamasse sempre a mim, eu não me importava, porque gostava. Se tivesse alguma dúvida, ela ensinava-me. Quando a gente estava sentada, nem sempre conseguia. Via o que os outros faziam e tentava fazer, umas vezes bem outras vezes mal.

Tinha uma relação boa com os meus colegas. Eu era assim um pouquinho tímida, porque não estava habituada. Tínhamos lá um primo que já era mais velho. A escola era junta. Eu estava na primeira classe e ele estava na quarta. Tinha uma irmã, uma prima minha, que é da minha idade. Havia, de um lado, o recreio para as raparigas e, do outro lado, para os rapazes. Então, no recreio, nós passávamo-nos para o lado do meu primo, para ir brincar e estar ao pé dele, que ele nos guardava. Sentava-se e nós sentávamo-nos, uma de um lado, outra de outro. Isto no primeiro ano, porque depois já aquilo era nosso. No princípio, era tímida. Era engraçado. Por acaso, era mesmo.

Depois vinha para casa. Antes de chegar, via a minha porta. Antigamente, não se fechavam, estavam sempre abertas. Se eu via a minha porta aberta, ficava tão contente, tão contente! Era sinal de que a minha mãe estava em casa. Se a porta estava fechada, era sinal de que não estava. Eu ficava tão triste, tão triste...

Chegava a casa, não via nada. Ia logo ao encontro onde ela estivesse. Era um hábito. Mas estava sempre alguém à minha espera. Se não estava a minha mãe, estava a minha avó ou isso, mas eu, naquela hora que chegava, queria era a minha mãe.

Ela incentivava-me a estudar. Eu é que não gostava muito. Sou sincera. Fazia, porque tinha que fazer, mas não gostava. Só fiz a quarta classe.

"Preparavam-nos para todas as matérias"

Fiz o exame em Arganil. Não era aqui na terra. Os professores preparavam-nos para todas as matérias. Agora é exame de Matemática e de Português. Na altura, a professora preparava-nos de tudo. Se achava que estávamos preparados, íamos a exame. Se não estávamos preparados, ficávamos para outro ano. Eram mais bem preparados que agora, creio eu. Agora, acho que é mais fácil. Não sei se é o termo, mas não exigem tanta coisa como exigiam na minha altura.

Se eu gostasse de estudar, a minha mãe faria o sacrifício para eu ir para outro lado. Cá não havia. Eu é que não quis. Não estava habituada a estar sozinha, nem gostava de ir para fora. Se fosse hoje, se calhar já ia. Mas na altura, não. Havia moças cá que iam. Aqui da terra, acho que não mas, de outras terrinhas que eu conheça, iam estudar para fora. Eu não tinha muita força de vontade e a minha mãe não me obrigou. Tudo tem de ser de vontade. O que é obrigado não presta. Deixei a escola e fiquei a ajudá-la nas tarefas da casa.

Religião *"Tinha os meus vestidinhos de levar à missa"*

Andei na catequese no Piódão. Tenho boas recordações. Gostava muito de ir. Fiz a Primeira Comunhão e fiz a Profissão de Fé. Fiz tudo isso e gostava. Acho que um dos que me preparou é o nosso padre agora. É o padre António. Ainda não era padre, na altura. O outro também não era e não chegou a ser. Andavam no seminário, mas davam-nos a catequese. Aprendíamos várias coisas. Umas sei, outras já não sei. Ensinavam-nos - chamava-se - a doutrina. Agora dizemos que vamos à catequese. Ensinavam-nos o Pai Nosso, a Ave Maria. Normalmente, quando a gente ia, já sabia essas coisas. A minha menina, a neta, hoje não vai à catequese e já diz. E quando não diz direito:

- "Avó! Diz tu!"

Ela gosta e pede-me para se benzer e não sei quê. Quando fui para a catequese, também já sabia essas coisas.

Ao domingo, íamos à missa. Era uma festa! A gente cá não tinha nada e o domingo era o dia diferente. Não se trabalhava. A gente preparava-se melhor, vestia as roupinhas melhores. Hoje, a roupa é sempre igual. Naquela altura, eu tinha os meus vestidinhos e os meus sapatos de levar à missa. As outras crianças também.

As pessoas ligavam muito à missa. Não quer dizer que agora não liguem, mas é diferente. Naquela altura, as pessoas, antes de morrer, costumavam confessar-se e receber os últimos sacramentos, como se chamava cá. Ninguém cá da freguesia morria sem receber isso. Ia o senhor padre - não me lembro qual era - dar a Sagrada Comunhão. Rezavam as orações, que eu agora não sei dizer o nome, às pessoas ainda vivas. No hospital, cheguei a pedir isso para a minha mãe. Quando estava em Coimbra, vi que ela estava muito doentinha e perguntei se era possível o senhor padre ir à enfermaria onde ela estava. Disseram-me que sim, mas tinha de pedir por escrito. Eu pedi. A enfermeira, depois, confirmou-me que foi verdade:

- "Olhe, ó dona Maria dos Anjos, fique sossegada que o senhor padre veio cá e já deu os últimos sacramentos à sua mãezinha. Está tudo em dia."

Eu até achei graça ao que ela disse. Aqui não morria ninguém sem fazer isso. Hoje, não sei. Só há uns tempinhos é que estou cá, por isso não sei se ainda fazem isso. Na altura que eu era miúda, lembro-me que faziam.

Percurso profissional "*Trabalhei no Museu Nacional de Arte Antiga*"

Em Lisboa, ainda trabalhei no Museu Nacional de Arte Antiga. Tinha aí uns 15 ou 16 anos quando fui para lá. Foi o meu pai, que Deus tem, que me conseguiu. Ele conhecia as pessoas e foi assim que eu fui trabalhar. Estava nas salas a guardar, a vigiar os visitantes. Havia muitos que mexiam. Era a minha vida. Estava ao telefone e, se era preciso ir aqui ou ali, também ia. Mandavam-me ir levar coisas. Era estafeta. Gostava muito de andar na rua. Adorava. Às vezes, ainda me lembro: a vida de estafeta é que era boa para mim. Hoje já não gostava de andar na rua mas, na altura, gostava. Depois casei, já não fui mais trabalhar. Cuidei do meu filho e das minhas vidas. Hoje, todo o mundo trabalha, mas na minha altura, não. Foi um erro. Foi assim a minha vida.

Namoro "*Conhecia-o aqui de miúda*"

Antes de ir para Lisboa, eu já conhecia o meu marido, mas foi lá que a gente se namorou e casou. Eu sou mais nova que ele. Conhecia-o aqui de miúda e ele também me conhecia a mim. Nós vivíamos no Torno e ele nasceu nos Chãs d'Égua. Os meus avós também viviam lá. Eu era muito criança, quando ele me carregava ao colo para os Chãs d'Égua. Levava-me aos meus avós, que a minha mãe não podia ir sempre levar-me. Se calhar, até foi por isso que gostei dele, por o conhecer já. Não sei se foi por isso, se porque é que foi. Se fosse hoje, não me queria!

Casamento "*Fiz uma noiva bonita*"

O casamento foi lá em Lisboa. Casámos em 1964. Lembro-me desse dia. Foi um casamento bonito. Casámos na igreja. Eu ia com vestido branco. Naquele tempo, era assim. Ia bonita. Sei que gostava de me ver. Lá se os outros gostavam ou não, não sei. Eu gostava. Acho que fiz uma noiva bonita. O meu marido também ia bem. Era jovem e elegante. Agora, já passou. Tínhamos convidados e tivemos copo-d'água. Já tive fotografias a cores, porque lá no museu havia um senhor que era fotógrafo. Não foi o fotógrafo do casamento. As fotografias do casamento são pretas e brancas. Mas o senhor tirou-me fotografias a cores, assim pequenitas, tipo postais. Uma grande coleção de fotografias. Aquilo era um luxo, na altura. Na lua-de-mel, fomos para Viana do Castelo.

Ficámos a viver em Lisboa. Mas não fomos para uma casa toda mobilada só os dois, como hoje. Na altura que casei, não era como agora. Agora a gente, quando se casa, tem tudo e mais alguma coisa. Hoje, as pessoas casam e já têm casa. No meu tempo não era assim. Fomos viver num quarto, com outras pessoas. Estávamos limitados àquilo. Tínhamos serviço à cozinha, mas juntos. Era muito mau. Se a gente pensasse bem, ai, valha-me Deus! Depois, com o tempo, foi-se vivendo e foi-se arranjando.

Se o nosso casamento durou os anos que já durou, é porque a gente se entende. Senão não durava os anos que nós já temos. O meu filho nasceu só cinco anos depois, porque eu era muito jovem. Ele achou que primeiro tínhamos que viver a vida e depois vinha o rapaz. E foi assim, só ao fim de cinco anos.

Vínhamos aqui, pelo menos, uma vez ou duas por ano. Eram as férias. Não tínhamos dinheiro para ir para outro lado. Aliás, não era pelo dinheiro. A gente tinha sempre saudades de vir à terra, ver as pessoas, ver a família. Era mesmo uma necessidade que a gente tinha. Não foi por acaso que nós viemos parar aqui agora. Podíamos ter feito casa noutro lado, mas o meu marido tinha tanto amor a

isto... É por isso que estamos aqui. Ele gosta disto. Eu gosto, mas não faz muito o meu jeito. Estou aqui. Nós temos que estar onde somos mais precisos. Estou, porque ele gosta de viver aqui. Até estamos na casa dos avós dele. A cidade não lhe dizia nada. Quando deixou de trabalhar, sentava-se-me no sofá a olhar para a televisão. Eu ia à rua e dizia-lhe assim:

- Ó marido, queres alguma coisa?

- "Olha, traz-me o jornal. E não te demores."

- Ó marido, eu não prometo. Só venho quando calhar!

Eu gostava de ir à rua, encontrar as minhas amigas, beber o meu cafezinho, dar os meus 5 tostões de conversa... Gostava de me comunicar com as pessoas. Ele já tinha outra maneira de ser. Ficava ali a manhã toda, ou na cama, a olhar para a televisão. E queria o jornal.

- Ó marido, eu trago-te o jornal.

Mas o jornal que ele me pedia era A Bola. Eu digo assim:

- Ó marido, temos tantos livros...

Tenho livros que nunca foram abertos. Eu era sócia do Círculo de Leitores. Comprava tudo e mais alguma coisa. Bons tempos. Então, dizia:

- Ó marido, olha, lê os livros. Ao menos sempre te instruis alguma coisa. Agora, A Bola, o jornal, não te ensina nada!

Mas era o que ele gostava de ler. Pronto, ficava-me ali a olhar para a televisão. Não era vida. Um homem ainda jovem, estar ali... Ficava "patareco"!

Depois o meu paizinho faleceu, a minha mãezinha ficou sozinha, começámos a vir mais vezes, com muita frequência mesmo. Quando ele se reformou, viemos logo de armas e bagagens para cá, porque ele gostava de estar aqui. Aqui vai à horta, vai aos Chãs d'Égua, vai ao Piódão, vai à Vide, vai onde lhe parece. Ocupa o tempo. Eu estou mais em casa. Na altura, ainda não tínhamos casa. Estávamos a viver com a minha mãe. Ainda estivemos lá uns tempinhos. Depois, quando se fez a nossa casa, viemos para aqui. Já não vou à minha casa a Lisboa há uns dois ou perto de três anos.

Costumes "*Éramos felizes*"

"Festa, só no Piódão"

No Torno, não havia festa. Há lá vários santos na igreja. Cada santo tem um mordomo, que era sempre uma pessoa das quintas. Daqui, da Foz d'Égua, do Torno... Havia sempre uma pessoa, que era o mordomo. Tira as esmolas, cuida do altar e cuida do andor nas festas, quando sai a procissão. Mas festa, festa

cá na quinta, não havia. Era só no Piódão. Era a festa anual dos santos todos. A padroeira é a Nossa Senhora da Conceição. Depois tem vários: o Sagrado Coração de Maria, o Sagrado Coração de Jesus, Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora dos Verdes, São Miguel... Tem vários santos. Acho que ainda tem mais, mas não me lembro. Naquela altura, creio que a festa religiosa era todos os anos. Agora, não.

As festas eram assim: primeiro, era a missa e depois a procissão, aonde levavam todos os santos. Cada um tem o seu andor. Levavam-nos a dar a volta à rua. Naquela altura, levavam as ofertas, que juntavam nuns cestos. Era o que a pessoa queria dar: presunto, queijos, chouriço, bolos, pão, frutas. Juntavam tudo num cesto e levavam à procissão. No fim, punham a leilão. Aquele que desse mais é que ficava com a oferta. E tinha música das bandas que agora ainda cá usam. Não sei como se chama. Acho que é a mesma. É a banda da filarmónica daqui, da filarmónica dali. Eram essas músicas, que iam na procissão, cantavam na missa e não sei quê. Eu gostava. Ainda hoje gosto. Acho que ainda é assim que fazem. As ofertas já não levam à procissão, mas a música ainda chamam. Éramos felizes.



Procissão nos Chãs d'Égua

Natal na aldeia e na cidade

No Natal, quando eu vivia cá, não sei se já se juntavam as famílias. Eu sei que já tinha prendas. Era mazita e ia trocar a minha pela do meu irmão. A

comida era diferente. A minha mãe fazia sempre filhós e matava uma galinha ou um galo. Do resto, não me lembro. Depois de eu já ser crescida, em Lisboa, lembro-me que vínhamos cá passar o Natal. Tinha os meus avós, tinha a família e vínhamos passar com eles. Depois, íamos outra vez para Lisboa. Aí já eram as comidas como agora. Muitas vezes, fazíamos cozido à portuguesa e lombo assado. Eram os doces, as filhós, as rabanadas, os bolos, os pães-de-ló, o bolo de mel, o bolo disto, o bolo daquilo... Era assim o Natal. Era bonito. Eu gostava. Faziam a fogueira na rua, era uma paródia.

Em Lisboa, nos últimos anos, também juntávamos a família. Uma vez, era na minha casa, outra vez, era na casa das minhas primas. Estava sempre a família junta. Para mim, o importante era o estarmos juntos. Não era a questão da comida. O estarmos todos juntos era muito bom. Quando eu era assim miúda, a minha mãe morava na zona das Janelas Verdes. Logo ali há o mar. À meia-noite, os barcos apitavam todos. Eu, os meus pais, os meus primos, vizinhos e muitas pessoas íamos para um jardim, que era o Jardim da Rocha. Acho que ainda está lá. Íamos ali ver os barcos apitar. Era uma festa. A gente fazia a algazarra que queria. Depois, vínhamos para casa felizes e contentes. Como agora as pessoas vão à passagem de ano, a gente ia ali ao jardim ver os barcos. Íamos passar a meia-noite. Já era muito bom. Eu ia, porque me levavam. Sozinha, não. Depois, já casada, ia sempre. Também íamos à missa. Lá na minha paróquia, havia. Acho que em muitas paróquias, ou todas, celebravam a missa do Natal. Era muito bonito, porque as pessoas, como aquilo não era um meio muito grande, quase que se conheciam de vista. Conheciam-se todos uns aos outros. No final da missa, passávamos todos pela mesma porta e compravam uns quantos bolos-reis. Cada um passava e quem queria tirava uma fatiinha ou duas de bolo-rei. Era bonito aquele convívio. Não era pela fatia do bolo, era o convívio. Eu gostava bastante.

"Ajudavam-se uns aos outros"

Naquela altura, não havia muitas famílias lá no Torno, porque aquilo era um meio pequeno. Éramos nós, era a minha tia, a outra família, que era o tio César, e outra família, que era o senhor Francisco. Depois, ajudavam-se umas às outras. As pessoas eram mais prestáveis que agora. Agora sou eu e eu e eu. Quando for eu meia dúzia de vezes é que as outras pessoas são uma vez. Dantes, não era assim. Ajudavam-se uns aos outros. Nas colheitas, a debulhar o milho...

Debulhar era de noite. Se o milho era nosso, era na nossa casa. Tínhamos uma casa ao lado onde se faziam essas coisas. Havia pessoas que debulhavam o milho mesmo na casa onde viviam. Não era na rua, era em casa. No final, falavam, comiam e bebiam, quem queria. Era uma paródia. Aquilo acabava

por ser uma paródia. Eu é que era uma marota. Dava-me o sono e adormecia. Debulhava pouco. Quando aparecia o milho-rei no meio dos outros, era uma festa! Mas era raro. Não sei já o que diziam. Normalmente, guardava-se de lado. Não se juntava com as outras. Como aquilo era raro, nem se semeava. Guardavam de relíquia.

"Eu e o meu irmão cozíamos o pão"

Numa gamela, amassava-se o pão. Tem-se a farinha. Tem uma coisa própria para peneirar a farinha, para passar só o que é bom. Peneira-se para ali. Depois põe-se o sal. Amassa-se com água quente, à maneira que nem fique dura, nem mole. Está ali umas horitas a repousar a massa, a levedar. Entretanto, o forno aquece. Tínhamos um forno só para nós, que os meus pais mandaram fazer, mas havia um forno comunitário, que era para todos. Põe-se a massa dentro de uma tigela e dá-se ali a volta. Chama-se tender. Quando o forno estiver quente e a massa estiver lêveda, põe-se a massa na pazita e depois no forno. No forno, nunca soube pôr, mas o meu irmão era miúdo e punha. Eu e ele cozíamos o pão.

"Quem é que cozeu o pão?"

Uma vez fizemos uma surpresa à minha mãe. Ela foi sair de manhã e disse assim:

- "Vais a casa da avó e trazes um pão."

As pessoas aqui só coziam de semana a semana. Comia-se o pão a semana toda. Quando não havia, pediam uns aos outros. Nós íamos à minha avó e a minha avó, quando não tinha, vinha buscar a casa da minha mãe. Quando coziam, davam outra vez um pão aonde tinham ido pedir. Ela disse:

- "Olha, vais à casa da avó buscar uma broa. Amanhã, já vou cozer as broas, já lhe damos."

Eu cozi o pão mais o meu irmão. Ele aqueceu o forno e eu preparei a massa. Quando a minha mãe chegou à noite, tínhamos o pão cozido. Nunca comi pão tão bom e nunca vi um pão tão jeitoso! Às vezes, os pães também não calham bem. Nós fazemos um bolo e nem sempre calha como nós queremos. O pão é a mesma coisa. Ficaram impecáveis! Quando a minha mãe chegou e viu o pão cozido:

- "Então, quem é que cozeu o pão?"

- Ó mãe, pense lá a ver quem é que cozeu!

Quando ela soube que fui eu e o meu irmão, chorou de contente, porque não esperava. Nós gostávamos de fazer surpresas. Éramos miúdos. Eu, se calhar,

nem 10 anos tinha. Ai, não tinha, não! Para aí uns 8 ou 9, se tanto. E o meu irmão tinha menos dois anos que eu.

"Era assim que se faziam os queijos"

O queijo fazia-se à mão. Era manual. Acho que ainda é assim que fazem. Tiravam o leite das cabras e das ovelhas. Traziam para casa e punham à beira do lume a ficar mornito. Não podia ser quente, nem frio, senão não coalhava. Depois passavam. A minha mãe tinha um potinho com asas. Punha-se um pano na boca e passava-se o leite, para não ficar com os lxitos que trazia. Algum cabelo ou alguma impureza ficava no pano e o leite limpinho caía para dentro da panela. Depois, punha-se-lhe umas ervas que se chamam cardo. Punha-se numa tigelita, pisava-se com o rabo de uma faca e deitava-se um bocadinho de água. Largava uma água escura. A gente coava aquilo num pano para que não passasse nada. Depois mexia no leite para ficar bem misturado e o leite coalhava aí em uma hora, uma hora e pouco. Depende. Então, fazia-se o queijo. Tinham um acincho. Punha-se dentro de um prato, punha-se a coalhada dentro do prato e ia-se espremendo com a mão. Largava o soro, que se juntava para a panela, onde tínhamos o leite. O soro dava-se ao porco ou aos gatos, que também gostavam, ou deitava-se fora. Cá não faziam requeijão. Quando os animais bebiam, bebiam. Quando não bebiam, deitava-se fora. Punha-se o sal e ao outro dia, ou depois, virava-se e punha-se do outro lado. Deixava-se aquilo numa tábua, que se chamava a queijeira, onde ficava a escorrer o soro. Lavava-se, pelo menos, dia sim, dia não em água morninha e secava-se com um pano. Ficava ali a secar, a curar. Era assim que se faziam os queijos.

"O Dia de Santa Cruz"

No dia 3 de Maio - eu era miúda e lembro-me de fazerem isso - chama-se cá o Dia de Santa Cruz. Todas as pessoas punham uma cruz no campo. Punham no cimo de uma cana, com umas folhas de louro, umas folhas de oliveira, uns ramos de alecrim e iam pôr nos campos, para que os abençoasse, para que viesse bom renovo. Possivelmente, já punham nas portas para guardar a casa. Era uma tradição. Eu até acho engraçado. O meu marido tem muito essa mania. Como nós estávamos cá, ele ia pôr às minhas primas e aos vizinhos. Digo assim:

- Ó marido, por favor! Pões na nossa porta! Porque é que tu andas a pregar?

- "Ai, é bonito... É para não deixarmos morrer a tradição, que é muito bonito..."

- Oh marido, agora! Tu sabes lá se as pessoas gostam...
- "Gostem ou não gostem! É a tradição, é a tradição! Não podemos deixar morrer cá os nossos costumes!"

E ia pôr. Já temos aqui muitas. Cada ano se põe uma. E eu já disse:

- Ó marido, então, pões uma e tiras a outra!

Mas ele, não! Põe-las todas. As que lá estão ficam. Depois, vai pondo, vai pondo... É a tradição das cruzes.

Lugar "*Bem diferente*"

Quando regresssei para aqui, era bem diferente. Quando eu era miúda, não havia aqui estradas, não havia telefone, não havia luz, não havia água, enfim... Agora, é melhor. Pelo menos, já não se anda a pé, como se andava quando eu era miúda. Ia para a escola a pé. Íamos à missa a pé. Andámos tudo a pé. Agora não.

"Não conhecíamos a luz de agora"

Para nos iluminarmos, era com um candeeirito a petróleo. Ainda tenho para ali um. Eu fazia croché e a minha mãe costurava à máquina com aquela luz. Eu hoje vejo tão mal e ela, coitadinha, também não vê. Mas como é que as pessoas podiam fazer? À gente, não nos fazia muita diferença, porque não conhecíamos a luz de agora. Tínhamos que nos governar com aquilo que tínhamos. Depois, a gente tinha de levar o candeeirito connosco, porque não tínhamos um aqui, outro ali, outro além.

"Tenho saudades de vir ali lavar"

Água canalizada, não havia. Íamos buscar à fonte num cântaro. Governávamo-nos assim para cozinhar e para nos lavar. Íamos lavar a roupa ao ribeiro ou ao lavadouro. Antigamente era ali que lavavam. Não havia máquinas de lavar como há agora. Agora, já toda a gente tem. Juntavam-se ali as mulheres. Não eram muitas, porque isto era um meio pequeno. A água aqui também lava muito bem. Como é pura, não fica a roupa rija. Ficava muito bonita e muito bem cheirosa, porque a coravam. Não é como nós, agora. Pomos ali, lavamos, vamos estender. Dantes, lavava-se e punha-se a roupa ao sol a corar. Ficava impecável. Agora cheira é ao detergente que a gente lhe põe. Há detergentes, que eu não gosto. Nem gosto de amaciador, seja qual for. Gosto assim ao natural. A roupa, antigamente, ficava com um cheirinho muito agradável.

Ainda tenho saudades de vir ali lavar. Dantes, gostava de ir à fonte lavar os meus tapetes, as minhas passadeiras, as minhas coisas. Agora já nem tanto. Lavo no terraço com a mangueira e com uma escova. Mas não ponho as calças do meu marido - que são muito sujas da terra - na máquina sem as esfregar antes. Por desporto ainda gosto de ir lá. Com uma escova, esfrego, bem esfregadinho. Depois é que ponho na máquina, para que fiquem bem lavadas. Senão, não ficam. Só se lavasse duas ou três vezes. Não estou para isso. Ainda se eu enchesse uma máquina só de calças... Mas quando ele suja umas, eu vou lavá-las que não gosto de juntar. Gosto. Dá-me gozo estar ali.

"Não havia roupinhas feitas"

Na altura, não havia roupinhas feitas. Eu comprava tecidos. Hoje, os meus netos vestem todos os dias igual. Estejam em casa ou vão para a escolinha, é igual. No meu tempo não. Havia a roupa de ir à missa, havia a roupa de ir à escola e havia a roupa de estar em casa. A roupa de ir à escola era normal, uns vestidos normais. Não sei se tínhamos assim umas batinhas. Acho que não. O meu irmão ainda chegou a ter, mas eu não. Não havia calças. Na minha altura, assim de criança, não se usava. As moças, era saias e vestidos. Era o que se usava cá. Ao domingo, era igual. À mesma, vestidos e saias. O feitio era o mesmo, só que eram outros tecidos mais novos, mais bonitos. Era para o domingo. Os sapatos, também. Era diferente. A gente, hoje, não troca tanta vez de sapatos? Aquilo era assim. À semana era um, ao domingo era outro.

"Não me lembro de ir ao médico em criança"

Quando estávamos doentes, ficávamos doentes. O médico já me perguntou algumas vezes se eu em criança tive a febre reumática. Eu disse:

- Ó doutor, olhe... Eu, sinceramente... não sei.

E não sei.

- "Então, mas a sua mãe não lhe disse?"

- Ó doutor, então a minha mãe não me levava ao médico. Lá na nossa terra não havia. Era muito difícil ir ao médico.

Se calhar, se tive, lá se curou e a minha mãe não soube nem eu. Não me lembro de ir ao médico em criança. Só me lembro, quando andava na escola, que, às vezes, vinha. Como agora se faz o rastreio de certas coisas, na altura também vinham. Não sei já o que me faziam. Havia lá dois meninos, que eram irmãos. Um menino e uma menina. Tinham um problema na cabeça - não sei explicar o que era - em que o cabelinho caía. Vieram lá ao Piódão fazer um rastreio e

detectaram quem tinha isso. Depois faziam um tratamento. Também não sei o que era. Só me lembro de eles andarem de touca lá na escola, porque o cabelinho caiu. Depois, nasceu outra vez.

Quando eu era miúda, havia um senhor no Piódão que chamavam o barbeiro. Como nós agora chamamos um enfermeiro, cá chamavam o barbeiro:

- "Olha, vamos ao barbeiro."

Eu, assim:

- Ai, valha-me Deus!

Não entendia, na altura. Agora, lembro-me e digo:

- Ai, meu Deus! Então como é que chamavam dantes o enfermeiro de barbeiro?

Mas ele lá andava.

Também não havia remédios da farmácia. Eram as mezinhas. Até curavam certas doenças. Eu acho que era mais a fé das pessoas. A minha mãe gostava de chás. Dantes, andava sempre com a cafeteirinha. Fazia para a dor de cabeça, para o estômago, para os intestinos, para quando estava constipada... Não se tomavam medicamentos. Era chá. Fazia de várias coisas: de limão, de tudo. Juntava várias ervas e fazia. Até chá de malvas! Eu dizia:

- Ai, mãe! Isso não pode ser bom.

- "Ó filha, olha que é bom. Quando tu estiveres assim doente, toma."

- Ai, mãe! Não gosto disso.

E nem sequer tinha provado. Ela usava muito as malvas. Se nós tivermos uma ferida, formos ferver as malvas e lavar essa dita ferida com a água, aquilo cura. Então, se curava ferida de fora, também curava as de dentro. Mas eu não gostava que ela pusesse aquilo nos chás. Há um que ainda faço e gosto, que é do hipericão. É para o estômago. Bebe-se bem sem açúcar. Doutrora, não gosto muito. Mas ela gostava. Tinha uma fé nos chás! Às vezes, eu dizia assim:

- Ai, mãe, estou tão mal disposta...

E estava. Dantes, qualquer coisa que comia me fazia mal. Agora a modos que não. Já me habituei, sei lá. Por qualquer coisa me dóia:

- "Olha, faz um chazinho."

- Ai mãe! Não gosto!

- "Anda lá que eu vou fazer."

Eu bebia para ela não ficar triste. Eram estes os remédios que havia cá.

"Uma senhora curiosa"

As crianças nasciam em casa. Não iam para o hospital, nem para a maternidade. Era uma senhora que havia no Piódão, que era curiosa. Não era

enfermeira, não era parteira, não era nada. Vinha a casa e ajudava as pessoas. Ajudava a mãe e o bebé. Na casa da minha mãe, ficou lá um mês a tratar dela e de mim. Quando as pessoas falam de nascimentos, eu digo:

- Eu ainda fui muito privilegiada. Quando nasci, tive lá uma babá ao meu lado um mês!

Mas não era nada babá, era uma senhora curiosa. Eu sempre tive curiosidade de ver quando os bebés nasciam, mas nunca me deixaram ver. Mandavam-me sempre embora. Eu assim:

- Mas eu gostava tanto de ver nascer um bebé...

Nunca vi. Quando nasceu o meu filho, eu já não era tão jovem assim, mas a minha mentalidade também não era muita. Ia toda feliz. Achava que ia ver os bebés nascerem. Não sabia como é que era. Mas tive tanto azar, que não vi. O meu filho não nasceu na sala de partos. Foi na sala de observações, meio às pressas e não vi nada. Estava lá outra senhora doente para ter, mas o meu nasceu primeiro e não vi nada. Já tenho visto na televisão, mas ao vivo nunca. Também não tive oportunidade de ir assistir a nascer os meus netinhos. Hoje já vai as avós e os pais e mais... A minha nora não quis ninguém. Não quis a mãe, não quis o marido, nem me quis a mim. Eu acho que, se hoje fosse ter outro filho, também não queria lá ninguém. A pessoa não está tão à vontade. Na minha altura, não era permitido ninguém assistir. Mas agora é.

Essa senhora curiosa ajudava a nascer os bebés e também ajudava quando as pessoas morriam. Cá, a maior parte das pessoas morria sem saber de quê. Por exemplo, agora dá um AVC. Antigamente, não diziam que era um AVC:

- "Olha, deu-lhe uma trombose."

- "Olha, deu-lhe uma embolia."

Deu-lhe isto, deu-lhe aquilo. As pessoas morriam e não sabiam do que era. Nem era preciso dar certidão de óbito, nem nada. Era diferente. Hoje já é preciso o médico passar uma justificação do que é que a pessoa morre. Nem que não seja daquilo, tem que lhe dar algum nome. Essa senhora tratava das pessoas que estavam mortas. Lavava-os, vestia-os, preparava-os como agora fazem os senhores das funerárias. Eu tenho uma vaga ideia, mas nunca assisti a essas coisas. Nem me deixavam, nem eu tinha coragem. Agora, vem a funerária e trata de tudo. Na altura, não. As pessoas morriam em casa, eram vestidas em casa e eram veladas em casa. Onde elas depois vão, a urna, não se chamava uma urna. Era um caixão. Era um senhor que fazia aquilo, umas tábuas forradas de tecido. Era horrível. Eu era miúda, mas lembro-me. As pessoas escolhiam o tecido. E eram tecidos horrorosos. Para os levarem para o cemitério, punham-nos naquilo. Era horroroso. Agora não é bonito mas, naquela altura, era pior. Chocava muito. Nem quero pensar.

Quotidiano "Os meus netos fazem-me viver"

Há uma coisa que eu não entendia. Às vezes ouvia dizer:

- "Ah, as penas vivas custam mais que as mortas."

Eu dizia assim:

- Oh meu Deus, mas a última coisa é morrer.

A gente, quando morre, acaba tudo. Não entendia, mas é verdade. Perdi o meu pai e já perdi várias pessoas da família. O meu irmão doeu-me muito, muito. A minha avó. Já perdi tios, enfim... Mas esta situação da minha mãe nunca tinha vivido. Quando ela estava cá em casa, eu passava bem os meus dias, porque estava ocupada. Tinha sempre que fazer. Gosto de costurar, gosto dos meus crochês, gosto das minhas coisas. Ela estava aqui sentadinha no sofá a ver a televisão e eu estava no meu quarto. Tenho lá a máquina de costura, tenho lá as minhas coisas. Ela chamava-me:

- "Ó Maria! Estás cá?"

- Estou, minha mãe, já cá vou.

Os meus netinhos têm estado cá comigo e isso é que me ajuda a viver. Senão, eu já estava deitada. Não me levantava. Não tinha fome, não comia. Não tinha trabalho, não trabalhava. Estava parada. Eles assim fazem-me viver, porque tenho que me mexer. Não posso estar à espera que venham da escolinha para a minha nora fazer tudo. Tenho o tempo ocupado e é o que me vale. Seria muito pior, se não fossem eles.

Avaliação "A nossa terra seja divulgada"

Acho bem deste projecto. Para que a nossa terra seja divulgada. Para que saibam o que era antigamente. A vida - costuma-se dizer - não é só rosas, também tem espinhos. Acho muito bem. Se não fosse assim a nossa terra nem seria tão conhecida. Nem os costumes, nem nada disso.